

QUESTÕES RELATIVAS À PRESENÇA DO *H* MUDO NO COMEÇO DE PALAVRAS NA LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTIONS REGARDING THE PRESENCE OF THE SILENT *H* AT THE
BEGINNING OF WORDS IN THE PORTUGUESE LANGUAGE

Carlos Vinícius Silva

Universidade Federal de Lavras
carlos.silva2@letras.ufla.br

Gisela Márcia Miarelli Pardini

Universidade Federal de Lavras
gisela.pardini@letras.ufla.br

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo discutir algumas questões relativas à presença do *h* no sistema ortográfico da língua portuguesa, dando ênfase ao modo como o grafema se apresenta como caractere mudo em começo de palavra. Para isso, procurou-se iniciar a discussão por uma breve cronologia da letra no português, partindo da origem do idioma, por volta do século XII, e passando por alguns de seus principais momentos até a atualidade. Logo após, foram apresentadas as oito formas em que o grafema aparece no português, e, em seguida, a exposição é direcionada ao *h* mudo em início de palavra. Após as exposições, foram levantadas reflexões sobre a utilidade e a necessidade da utilização do *h* na forma destacada neste texto, relevando seus motivos de existir, de caráter etimológico. Finalizando este texto, foram feitos dois estudos de palavras iniciadas em *h* e foram destacados argumentos defendendo um posicionamento sobre o assunto discutido.

PALAVRAS-CHAVE: ortografia, língua portuguesa, grafema *h*.

ABSTRACT: This current job aims to discuss about some issues regarding the presence of *h* in the Portuguese spelling system, highlighting how the grapheme is shown like a silent character at the beginning of words. Thereunto, it was sought to initiate the discussion from a brief chronology of the letter in Portuguese, starting from the origin of the language, around the XII century, and passing by some of its main moments up to the present. Soon after, it was presented the eight forms in which the grapheme is present in Portuguese, and then, the exposure is pointed out to the silent *h* at the beginning of words. After the exposure, reflections were arisen about the usefulness and necessity to use the *h* as stressed in this text, considering its reasons for existing, of an etymological content. Lastly, there were two studies of words starting with *h* that stood out the arguments endorsing a position about the subject discussed.

KEYWORDS: orthography, Portuguese language, grapheme *h*.

INTRODUÇÃO

Apesar do recente surgimento da linguística como ciência, com o “Curso de Linguística Geral”, de Saussure (1916), a linguagem caracteriza-se como um antigo objeto de estudos, remontando ao século V a.C. Segundo Sperança-Crisculo (2014, p. 18), “tem-se com os gregos [...] o surgimento das primeiras investigações sobre a natureza da linguagem, estas ainda de caráter filosófico.”, ou seja, apesar de a linguagem, nessa época, ainda não ter estudos

considerando a ela mesma como fim, sua importância já era observada pelos intelectuais gregos de 2500 anos atrás.

A partir desse primeiro momento, na Grécia, as pesquisas passaram a ser gradualmente direcionadas para aspectos de fato linguísticos, conforme surgiam reflexões sobre questões bastante conhecidas hoje, como as diferenças entre classes de palavras, a morfossintaxe, e a semântica. Esse avanço continuou pela idade média, atravessando o Renascimento e, finalmente, entre final do século XIX e o início do século XX, encontra-se no estruturalismo saussuriano o ponto de partida para a maior parte das diversas correntes linguísticas estudadas hoje.

Ferdinand de Saussure abriu as portas para o surgimento, inclusive, de linhas de pesquisa que levam em consideração aspectos extralinguísticos que exercem influência sobre a linguagem, sem, é claro, deixarem língua em segundo plano. Desse modo, no decorrer do século XX, surgiram estudos, por exemplo, sobre

os fenômenos da dêixis e a subjetividade da linguagem (Benveniste, 2005; 2006); a orientação argumentativa dos enunciados marcada por conjunções (Ducrot, 1987); as ações produzidas por um enunciado por meio de diferentes forças ilocucionárias impregnadas a ele (Austin, 1975, com a Teoria dos Atos de Fala); os fenômenos de ambiguidade e pressuposição, que trazem o não dito ao texto (Grice, 1981; 1982); a coesão e a coerência textuais (Linguística Textual); aspectos históricos, sociais e ideológicos presentes nos enunciados (Análise do Discurso); experiências perceptivas e de conceptualização do mundo que interferem no uso na linguagem (Linguística Cognitiva); fatores sociais que interferem no uso da língua, como variação de idade, gênero, classe social, escolaridade (Sociolinguística), entre outros. (SPERANÇA-CRISCOULO, 2014, p. 23-24)

Além disso, o pontapé saussuriano estabeleceu bases teóricas sólidas para o avanço dos estudos da linguagem que já vinham de séculos anteriores, sendo a grande maioria de natureza puramente gramatical. No entanto, infelizmente, por trás de todos esses avanços epistemológicos, há uma parte fundamental das línguas que pouco ou nada se deixou influenciar pelos progressos dos estudos linguísticos, mantendo-se numa linha ideológica plenamente reacionária: a ortografia.

Hoje, temos reflexões profundas sobre a organização sintática das línguas, importantes pesquisas sobre a riqueza dos idiomas falados, e questionamentos constantes a respeito dos sentidos das palavras nos

incontáveis contextos possíveis, mas poucos trabalhos se debruçam sobre o entendimento de uma metodologia científica aplicável aos sistemas ortográficos, tornando a ortografia um elemento prescritivo retrógrado constituinte de uma sociedade epistemologicamente progressista.

Por isso, pretendemos, no presente trabalho, nos debruçar em questões relativas a um ínfimo fragmento desse sistema negligenciado, discutindo, a princípio, as diversas formas como o grafema *h* se manifesta na língua portuguesa, e, em seguida, direcionar a discussão à forma mais controversa em que o referido caractere aparece, mudo e em começo de palavras. Contudo, não objetiva-se apenas expor a existência desse fenômeno na língua, mas identificar sua origem, suas justificativas, sua importância e seus problemas intrínsecos.

Para que esse objetivo fosse alcançado, elaboramos duas amostragens de termos iniciados com *h*, tentando diversificar ao máximo os prefixos e radicais desses termos, e procuramos, a partir deles, analisar padrões presentes no seu grupo de palavras, tentando, por esse caminho, avaliar se há mesmo a necessidade da manutenção inquestionável dessa forma do grafema na língua, e se poderia, em alguma hipótese, haver benefícios suficientes para justificar o início de uma discussão cientificamente e filosoficamente fundamentada sobre a possibilidade de abolição desse aspecto tão tradicional da nossa língua.

O grafema *h* na língua portuguesa

Breve cronologia do grafema *h* na língua portuguesa

A escrita na língua portuguesa tem início, provavelmente, por volta do século XII. Nessa época, segundo Mateus (2006, p. 163), ainda não havia regras ortográficas proclamadas para a regularização dos textos, então o escriba, tomado por essa dificuldade, “procurava tanto quanto possível transmitir graficamente a pronúncia da língua recém-nascida, derivada ainda das antepassadas formas latinas”. Com isso, podemos observar que a escrita em língua portuguesa possui suas raízes fixadas na fonologia, mas, por alguns motivos, acaba se distanciando dessa origem.

Acontece que, com o Renascimento (XIV – XVI), passou-se a valorizar as culturas clássicas ao ponto de se absorver diversas formas existentes no grego e no latim, mas que não faziam muito sentido na língua falada em Portugal na

época. Nesse momento, introduziu-se no português “letras existentes nos étimos latinos ou gregos (como o *-c* em *fecto*, de *factu-*), o emprego de consoantes duplas [...], ou a ocorrência dos dígrafos *ph*, *ch*, *th* e *rh* (que se mantiveram longos anos em *pharmacia*, *lythologia*, *Matheus*)” (MATEUS, 2006, p. 163).

Pouco antes disso, no século XIII, foi possível observar, com relação ao uso do *h*, o surgimento de algumas tradições gráficas, dentre elas o uso de *ch* para representar [tʃ], de *nh* para [ɲ] e [ni], de *lh* para [ʎ] e [li], e o quase desaparecido do *h* mudo em começo de palavra (ASSIS, 2011, p. 130). Dentre essas tendências, as relacionadas aos dígrafos *nh* e *lh* são as que se mantêm influentes até hoje na língua portuguesa, apesar de terem passado por ligeiras mudanças ao longo do tempo, e as que envolviam o *ch* e o *h* mudo, assim como o *the* e o *rh* decorrentes do Renascimento, acabam, durante os séculos subsequentes, se transformando aos poucos no que encontramos atualmente, sendo difícil o estabelecimento de períodos precisos para essas mudanças, até pela raridade de fontes que sejam suficientemente confiáveis.

Já no século XX, voltamos a ter algumas mudanças bastante significativas no uso do *h*. No acordo ortográfico de 1911, o *ph* é abolido da língua portuguesa em território lusitano, tendência adotada posteriormente pelos outros países que fazem uso do idioma. Também nesse século, encontramos, com a adoção de estrangeirismos que passaram a fazer parte indissociável do léxico do português, o surgimento na língua do *h* sonoro, como em *handebol*, *hóquei* e *hippie*, e do *sh*, com palavras como *show*, *shopping* e *shorts*.

Formas como o grafema *h* se manifesta atualmente na língua portuguesa

O grafema *h* pode aparecer de oito formas distintas na língua portuguesa: *ch*, *sh*, *lh*, *nh*, em final de palavra (*-h*), entre vogais em meio de palavra (*-h-*), *h* sonoro em começo de palavra (*h-*), e *h* mudo em começo de palavra (*h-*).

No primeiro e no segundo casos, o *h* serve como auxiliar de *c* e *s*, respectivamente, para a criação de formas gráficas da consoante fricativa alveolopalatal desvozeada sibilante [ʃ]. No entanto, apesar de as duas formas representarem o mesmo som, apenas a primeira, *ch*, possui mobilidade dentro do léxico, como em *choupana*, *recheado* e *murcho*, enquanto a segunda, *sh*,

aparece apenas em início de palavra importadas de línguas estrangeiras modernas, como *show*, *shorts* e *shopping*.

No terceiro caso, o grafema *h* se junta ao *l*, formando *lh*, e age como suplemento para a representação escrita dos sons laterais palatais vozeados [ʎ] e [ʎ̃]. Essa forma aparece em palavras como *lhama*, *palhaço*, *palha*, e o pronome pessoal *lhe*.

Na quarta forma, o *h* também funciona como auxiliar, mas, dessa vez, se junta ao *n*, sintetizando *nh*, para a formação ortográfica da consoante nasal palatal vozeada [ɲ] e do glide palatal nasalizado [ɲ̃]. Alguns exemplos dessa utilização são as palavras *nhoque*, *banheiro* e *banha*.

A quinta e a sexta configurações apresentam-se apenas em interjeições, sendo que, na quinta, o *h* pode representar um prolongamento de som vocálico ou fazer a função do acento agudo, como acontece em *ah!*, *oh!* e *puh!*, e, na sexta, serve como forma gráfica do som fricativo glotal desvozeado [h], fazendo a vez do duplo *r*, *rr*, o que acontece em termos como *aham!* e *uhum!*.

Por último, no sétimo e no oitavo casos, o *h* aparece no começo da palavra, porém, com diferenças fônicas. No caso 7, assim como no sexto, o *h* representa o som [h], configurando-se como consoante foneticamente significativa, o que acontece em palavras como *handebol*, *hóquei* e *haxixe*, enquanto, no caso de número 8, o grafema aparece apenas por motivos etimológicos, em palavras de origem grega ou latina, como *hábito*, *horta*, *hegemonia*, *hemorragia*, e algumas interjeições, como *hum?*, *hem?* e *heureka!*.

O *h* em começo de palavra

Como dito anteriormente, o grafema *h* apresenta-se de oito formas no português. Pode-se observar, porém, que sete dessas formas apresentam alguma função significativa no idioma, causando ao *h* mudo em início de palavra certo grau de insignificância. No entanto, há de se questionar o porquê de, entre as elites intelectuais, haver uma tendência de se blindar essa trivialidade de algumas críticas legítimas, derivadas da lógica dos estudos linguísticos.

Desse modo, dificilmente se verá autores questionando a legitimidade do *h* na língua portuguesa, porém, não é incomum vermos alguns intelectuais afirmarem que a letra mantém-se quase que exclusivamente por tradicionalismo.

Para Bechara, por exemplo, o *h* tomado como elemento isolado “não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras e no fim de algumas interjeições” (2009, p. 92). Percebendo que o autor desconsidera, nesse trecho, o *h* com som de *r*, que, mesmo após décadas de uso, ainda não é considerado um elemento legitimamente pertencente à língua, e as funções de modificador de vogal do *h* nas interjeições (prolongamento da vogal ou marcador de vogal mais aberta, fazendo a vez do acento agudo), talvez por se tratarem de efeitos causados por significações estilísticas, pode-se concluir que a afirmação de Bechara se limita, na verdade, ao *h* mudo em começo de palavra.

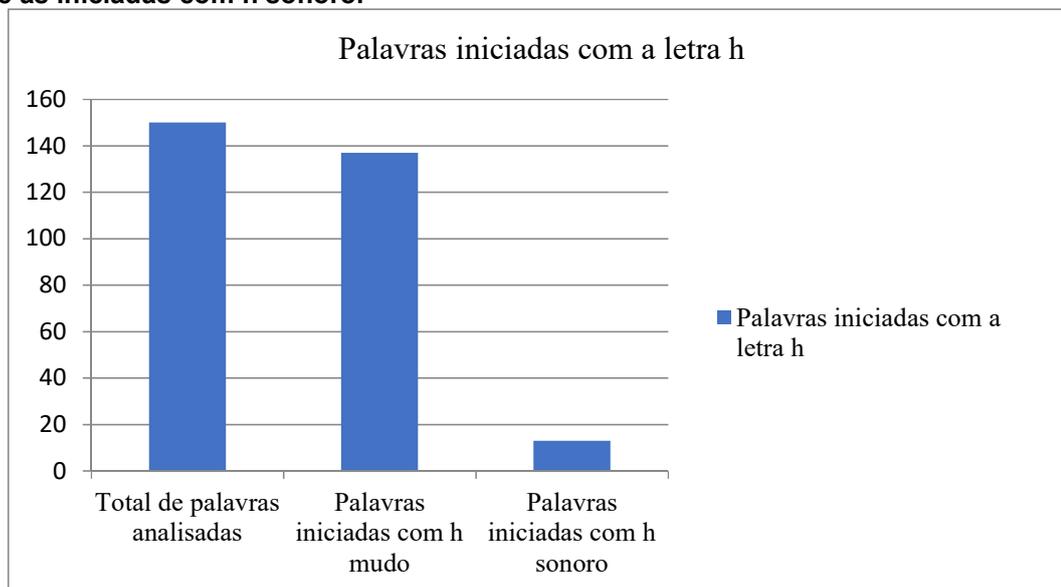
Contudo, não se pode simplesmente modificar o uso de um caractere canônico da língua sem avaliar as consequências positivas e negativas de tal ato. Portanto, para que essa possibilidade possa ser levada em consideração, faz-se necessário antes um levantamento da frequência com que o *h* mudo aparece na língua portuguesa, para julgar se há um problema numericamente significativo nesse caso, os efeitos que uma mudança nesse traço ortográfico acarretaria, e se há algum motivo prático para que essa alteração seja realizada.

Levantamento de dados e discussão

No presente trabalho, procuramos avaliar a frequência com que o *h* aparece com ou sem significância fônica no português, e como a presença e a ausência do grafema poderiam interferir na atividade de uso da língua. Para esse objetivo, foi analisado, inicialmente, um *corpus* de 150 palavras da língua portuguesa iniciadas com a letra *h* (apêndice1), procurando evitar a repetição excessiva de termos de mesma derivação.

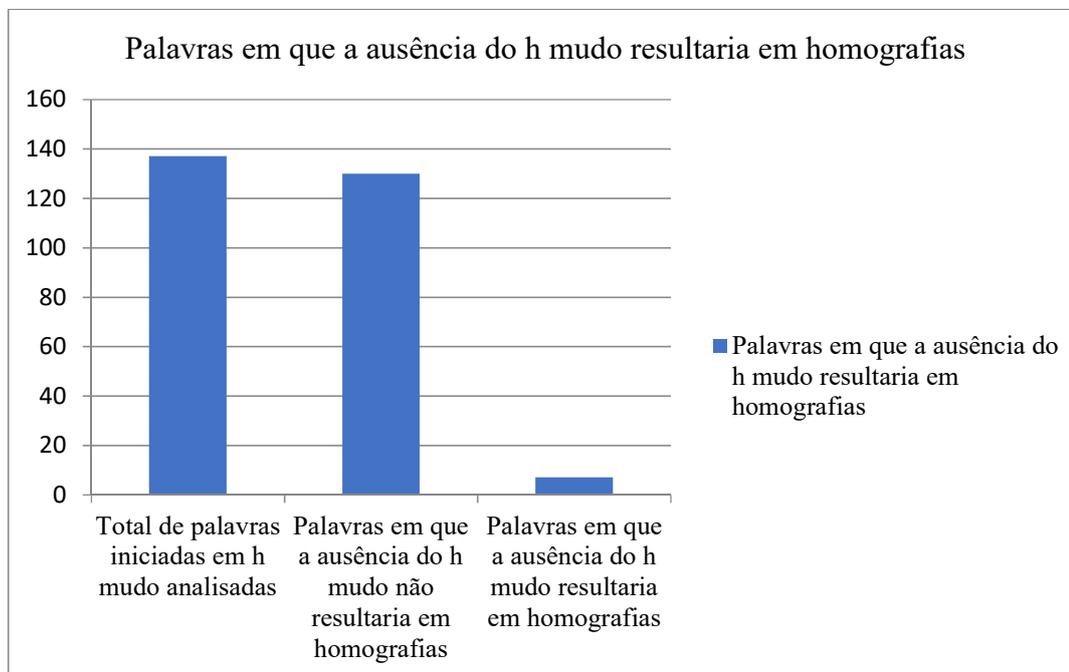
Nesse primeiro momento, por meio de observações individuais, pudemos constatar que 137 palavras apresentavam o *h* mudo, e apenas 13 palavras (*Hacker, haicai, hall, handebol, hanseniano, hardware, haxixe, hena, hertz, hinterlândia, hippie, hobby* e *hóquei*), aproximadamente 8,66% da amostragem total, o tinham como representação de [h] (figura 1).

Figura 1: Gráfico referente à análise das palavras presentes no apêndice 1 que busca ilustrar a proporção quantitativa entre as palavras iniciadas com h mudo e as iniciadas com h sonoro.



Além da perspectiva fonológica, observou-se também se a ausência do *h* nas 137 palavras em que o grafema apresenta-se como mudo poderia gerar novos termos homógrafos. Nessa observação paralela, de caráter morfossemântico, percebemos que apenas sete palavras levariam a tal fenômeno (*haltere*, que poderia ser confundido com a terceira pessoa do presente modo imperativo do verbo alterar, *altere*; *haragano*, que se transformaria em outra forma existente de se escrever o mesmo termo, *aragano*; *haras*, que se tornaria graficamente igual à segunda pessoa do presente do indicativo do verbo arar, *aras*; *harém*, que transfiguraria-se em uma forma semelhante, não idêntica, ao plural da terceira pessoa do imperativo do verbo arar, *arem*; *haurir*, que tomaria a mesma forma do verbo *aurir*, derivado do latim *aura*; *hausto*, que se igualaria à primeira pessoa do presente do indicativo do verbo austar, *austo*; e *hora*, que se transformaria na forma *ora*, que funciona como conjunção, interjeição e advérbio), menos de 5,11% das 137 palavras iniciadas com *h* mudo observadas nesse primeiro momento, enquanto as outras 130, ao menos semanticamente, não seriam afetadas pela falta do *h* (figura 2).

Figura 2: Gráfico referente à análise das palavras presentes no apêndice 1 que busca ilustrar a proporção quantitativa entre as palavras que se tornariam homógrafas de outras caso perdessem o h inicial e as que não se tornariam.

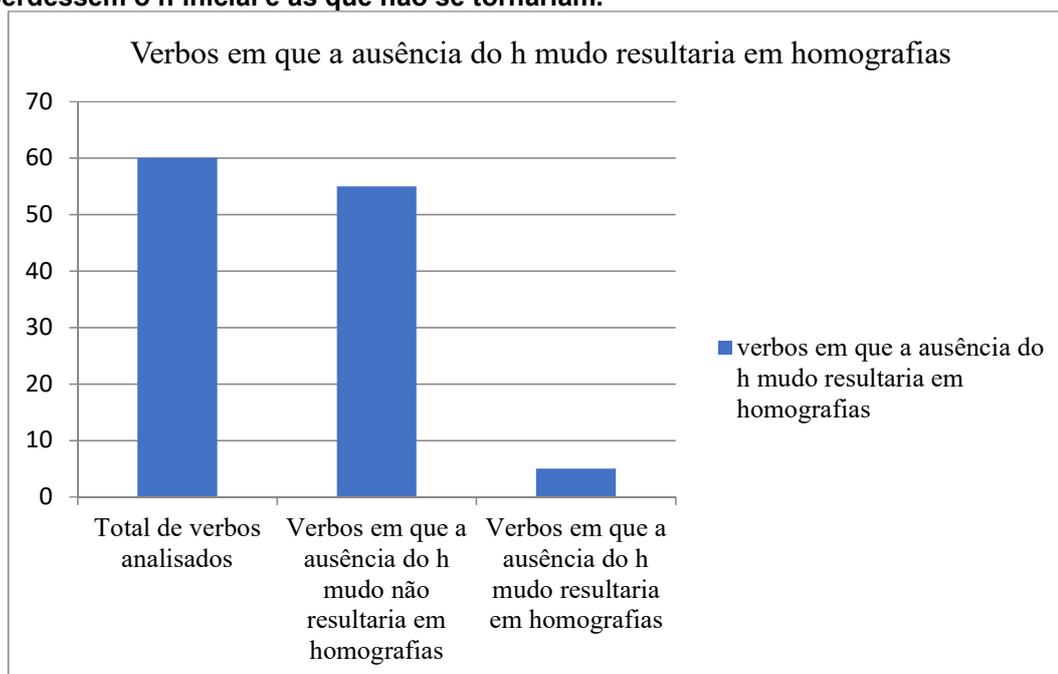


Posteriormente, após observar que as classes de palavras não podem ser avaliadas da mesma forma, como se possuíssem as mesmas propriedades, e, compreendendo que a alta flexibilidade da classe dos verbos tende a gerar uma quantidade maior de homonímias do que as demais classes, elaboramos uma amostragem de 60 verbos (apêndice 2) e avaliamos particularmente as flexões de pessoa, número, tempo e modo de cada um deles.

Nesse segundo momento, percebemos que apenas cinco verbos (*habitar*, em todas as suas formas, em decorrência do verbo *abitar*; *haurir*, em todas as suas formas, por conta do verbo *aurir*; *haver*, nas formas do indicativo *hei*, *hás*, *havia*, *havia*s, *havi*am, *houve*, *haja*, *haja*s, *haja*mos e *haja*m, por causa da existência da interjeição *ei!*, do nome *ás*, e dos verbos *aviar*, *ouvir* e *agir*, respectivamente; *horar*, em todas as formas, por conta do verbo *orar*; e *hortar*, na primeira pessoa do presente do indicativo, pela semelhança resultante com o nome *orto*), algo em torno de 8,33% da totalidade dos termos analisados, se transformariam, em algumas de suas formas, em palavras homógrafas de outras com significado distinto que já existem oficialmente no léxico dicionarizado da

língua portuguesa, ao passo que, nos outros 55 verbos, a ausência do *h* não causaria quaisquer problemas de origem semântica (figura 3).

Figura 3: Gráfico referente à análise das palavras presentes no apêndice 2 que busca ilustrar a proporção quantitativa entre os verbos que se tornariam homógrafas de outras caso perdessem o *h* inicial e as que não se tornariam.



Com esse levantamento de dados, no entanto, não se pode concluir que o surgimento de palavras homógrafas é argumento para a preservação inquestionável do *h* afônico no léxico da língua portuguesa. Para que isso fosse levado como uma verdade, deveríamos desconsiderar a importância da organização sintática e do contexto, que influenciam o efeito de sentido. Nesse caso, seria necessário, ainda, para que houvesse coerência de pensamento, questionar também palavras homógrafas socialmente estabelecidas, como, por exemplo, *colher* (nome e verbo no infinitivo), *começo* (nome e verbo na primeira pessoa do indicativo), *jogo* (nome e verbo na primeira pessoa do indicativo) e *sede* (dois nomes), e, indo ainda mais fundo, palavras que são também homófonas, como *borra* (nome e verbo na terceira pessoa do indicativo), *manga* (dois nomes), *tento* (nome e verbo na primeira pessoa do indicativo) e *molho* (dois nomes).

Por outro ângulo, em nome do tradicionalismo, o sistema ortográfico, mantendo o *h* mudo como intocável, causa dificuldades de escrita desnecessárias que poderiam ser evitadas, pois, por conta dessa manutenção etimológica, toda e qualquer palavra iniciada com som de vogal tem potencial para gerar dúvidas sobre a presença do grafema não-sonoro antes da primeira letra dotada de significado fônico. Dessa forma, levando em consideração o fato de que não é esperado que o público comum saiba a origem de todas as palavras da língua, pode-se perceber que, nesse caso, o tradicionalismo, sendo ele um dos únicos argumentos válidos (único não político) para a sustentação do *h* mudo na língua, se comporta como um fator negativo no que se refere ao aprendizado e ao uso da modalidade escrita da língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema ortográfico da língua portuguesa faz parte do nosso patrimônio cultural e deve ser valorizado como tal, o que não significa, de forma nenhuma que ela seja imune a críticas fundamentadas. Por isso, o presente trabalho tratou de levantar questões sobre a presença do grafema *h* na escrita do português e discutir os problemas causados por essa letra em alguns casos.

Para isso, levantamos, primeiramente, uma breve cronologia do *h* na modalidade escrita do idioma de raiz lusitana, partindo de seu surgimento, por volta do século XII, e perpassando alguns dos principais momentos históricos, até chegar aos dias atuais. Em seguida, destacamos as oito formas em que o grafema aparece na nossa língua atual, considerando etimologia, localização dentro das palavras, significação fônica e importância semântica.

Logo após, constatando que o *h* mudo em início de palavras apresentava particularidades importantes, procuramos observar os motivos e as justificativas para a existência atual dessa forma de apresentação. A partir disso, constatamos que a característica em questão se mantém no idioma por motivos etimológicos e levantamos a discussão sobre a possibilidade da existência de argumentos válidos contra a presença do *h* mudo iniciando léxicos, ressaltando a necessidade de estudos quantitativos e qualitativos para que se discuta a questão de forma aceitável.

Por fim, em busca de alimentar a discussão, propusemos duas análises suficientemente profundas para dar início a um estudo linguístico criterioso, análises pelas quais observamos que o *h* mudo em começo de palavra, salvo por seu caráter tradicionalista, apresenta mais problemas do que benefícios para os usuários comuns da língua. Desse modo, expusemos um ponto de vista coerente sobre a questão, de forma consideravelmente fundamentada, sem, no entanto, pretender esgotar a discussão.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Maria Cristina de. **História da língua portuguesa**. Editora Universitária/UFPB, 2011. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia_da_lingua_portuguesa_1360184313.pdf> . Acesso em: 18 jun. 2018.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. Ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- SPERANÇA-CRISCUOLO, AC. Breve histórico dos estudos linguísticos e sua influência no ensino da língua. In: **Funcionalismo e cognitivismo na sintaxe do português: uma proposta de descrição e análise de orações subordinadas substantivas para o ensino[online]**. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 17-27. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/sxg7f/pdf/speranca-9788568334454-03.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2018.
- MATEUS, Maria Helena Mira. "Sobre a Natureza Fonológica da Ortografia Portuguesa (À propos de La Nature Phonologique de l'Orthographe Portugaise)". **Estudos da Língua(gem)**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 159, Jun. 2006. Disponível em: <<http://estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/view/41/80>>. Acesso em: 25 Jun. 2018.
- MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 02 jul. 2018.
- PRIBERAM. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Disponível em: <www.priberam.pt/DLPO/>. Acesso em: 17 jul. 2018.

(Apêndice 1)

Habilidade, habitat, hábito, habituê, hachura, hacker, hadoque, hagiografia, haicai, hálito, hall, halo, halogênio, haltere, hambúrguer, handebol, hangar, hanseniano, haplologia, haragano, haraquiri, haras, hardware, harém, harmonia, harpa, harpia, haste, haurido, hausto, haxixe, hebdomadário,

hebraico, hecatombe, hecceidade, hectare, hediondo, hedonismo, hegemonia, hégira, helenismo, hélice, hélio, helmintíase, helvético, hemácia, hemeroteca, hemisfério, hemorragia, hena, hendecaedro, hepatite, heptágono, heráldico, herança, herbáceo, hercúleo, heresia, herético, hermafrodita, hermenêutica, hérnia, herói, herpes, hertz, hesitação, heterodoxia, heureka, heurística, heveicultura, hexaedro, hialina, hiato, hibernal, hibisco, hibridismo, hidrogênio, hiena, hierarquia, hierático, hieróglifo, hífen, higidez, higiene, higrometria, hilariante, hilita, himeneu, hinário, hindi, hino, hinterlândia, hiperatividade, hippie, hipismo, hipnose, hipocrisia, hipopótamo, hipoteca, hipotenusas, hipótese, hilário, hirsuto, hirta, hispânico, hissopo, histeria, histologia, história, histrião, hobby, hodiernidade, hodômetro, hoje, holismo, holocausto, hombridade, homenagem, homeopatia, homérico, homicídio, homofobia, honestidade, honorário, honra, hóquei, hora, horda, horizonte, hormônio, horóscopo, horror, horta, hortelã, hosana, hospedagem, hospital, hoste, hóstia, hostilidade, hotel, hotentote, hulha, humano, humildade, humilhação, humor, húmus, Hungria.

(Apêndice 2)

Habilitar, habitar, habituar, hachurar, haraganar, haraganejar, harmonizar, harpejar, hastear, hastilhar, haurir, haver, hebraizar, heleborizar, helenizar, herborizar, herdar, heroificar, hesitar, hiatizar, hibernar, hidratar, hidrogenar, hiemalizar, hierarquizar, hifenizar, higienizar, hilarizar, hinir, hipersensibilizar, hipnotizar, hipotecar, hissopar, hispidar, historiar, homenagear, homiliar, hominizar, homiziar, homogeneizar, homologar, honestar, honestizar, honrar, honorificar, honrar, horar, horizontalizar, horoscopar, horoscopizar, horripilar, horrorizar, hortar, hospedar, hospitalizar, hostilizar, humanizar, humildar e humilhar.

Recebido em 10 de agosto de 2018.
Aceito em 30 de setembro de 2018